

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e director

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

Typ. do Annuario Commercial — C. da Gloria, 5

Editor

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — Ossip Gabrilowitch. — Amadores. — Theatro de S. Carlos. — Notas vagas. — Concertos. — Ephemerides. — Noticiario. — Necrologia. — Bibliographia.



OSSIP GABRILOWITCH

Ossip Gabrilowitch

É um dos pianistas que está actualmente mais em evidencia, contando numerosos admiradores em França, na Allemanha, na Russia e na America, onde são muito apreciadas as suas qualidades de virtuosismo, vigor, independencia e personalidade. Os seus concertos annuaes na sala Erard, em Paris, attrahem sempre um publico numeroso e selecto.

Ossip Gabrilowitch é russo, como o seu nome indica.

Nasceu na capital do imperio moscovita em 26 de janeiro de 1878, contando portanto 27 annos incompletos e, tendo manifestado desde muito creança raras aptidões para a arte, fizeram-o começar aos seis annos os trabalhos pianisticos, em que mais tarde se havia de notabilisar.

Não tardou muito que o grande Antonio Rubinstein tivesse occasião de ouvil-o, interessando-se por elle a ponto de o admittrir no Conservatorio, na classe de Tolstoff.

Aos desasseis annos terminou o curso d'esse instituto, conquistando as maiores distincções e premios, o que o não impediu de ir aperfeiçoar a sua educação artistica em Vienna ainda mais dois annos sob a auctorizada direcção de Leschetizki e Nawratil.

A sua carreira de *virtuose* foi estreada em Berlim com o maior exito, quando ainda não contava mais de 18 annos.

A breve trecho, todas as portas se lhe abriam e os publicos da Allemanha, da Russia, da França, da Inglaterra, da Suecia, da Dinamarca, da Hollanda, da Suissa, da Belgica, dos Estados-Unidos, etc., consagraram successivamente o moço pianista.

Amadores

Em primeiro logar, que quer dizer *amador*? Na stricta significação etymologica da palavra, amador é o que *ama*, o que tem uma accentuada predilecção por qualquer cousa: artes, animaes, sports, bons pratos ou formosas mulheres. Pode ser-se amador de quadros, de cavallos, de *tennis*, de vinhos ou do bello sexo.

Aqui porem só temos de occupar-nos do amador d'arte, e em particular do amador de musica, isto é, d'aquelle que cultiva a musica por gosto sem fazer d'ella uma profissão.

O profissional é pelo contrario o que professa, o que ensina, tirando ou *devendo tirar*

do exercicio da arte os proprios meios de subsistencia.

Essa é a distincção geralmente estabelecida entre uns e outros.

Convém, todavia, esclarecer a definição de *amador*, ou antes amplial-a, dizendo que *é amador de musica o que não faz constituir a sua principal occupação no exercicio d'esta arte*.

De outra forma Meyerbeer, Mendelssohn e tantos outros teriam sido amadores. E entre os musicos dos nossos dias seriam amadores Louis Diémer, Chausson, Vincent d'Indy em França, o barão Franchetti na Italia, o general César Cui na Russia e entre nós Augusto Machado, Alfredo Keil e alguns outros.

O amador, no entanto, seja qual fôr a sua condição na vida artistica de um povo, não merece a pontinha de desdem com que geralmente o olham.

Para muitos o amador busca apenas preencher as suas horas vagas com um passatempo mais ou menos agradável e o seu trabalho d'arte é quasi sempre julgado ou com uma caridosa indulgencia ou com um excessivo rigorismo.

Resalta uma curiosa utopia d'este modo de ver. E vem a ser que todo aquelle que se occupe de uma arte por gosto, por necessidade instinctiva ou mesmo por mero prazer, deva fazel-o por força de uma forma insufficiente ou superficial. E portanto amar, interessar-se pela Arte, sem motivos de ordem material, deve ser razão para que ella seja menos comprehendida ou mais fracamente praticada...

Em principio, quasi que temos a tentação de affirmar o contrario. Pois o facto de proceder por necessidade ou por obrigação sob qualquer ponto de vista, implica, porventura, o merito? E quantas vezes individuos que poderiam talvez produzir valiosas e interessantes cousas se sentem levados na engrenagem das rotinas, a que as obrigações os prendem?

Pode dizer-se em boa verdade que, se d'um lado o amador, pela vida mais ou menos facil que o acaso lhe proporcionou, pela falta de methodo e de regularidade no trabalho e ainda por outras causas, pode dar razão ás censuras de que é objecto, é bem certo que o profissional, pelas proprias condições da sua vida e pela repetição forçada e por assim dizer, mechanica do seu esforço, perde ou attenua muitas das suas qualidades nativas e dos dons particulares de invenção e d'imaginação que em outro meio poderiam largamente proliferar.

A' cabeça de uma das suas obras didacticas, diz Vincent d'Indy: — *L'art n'est pas un métier*.

Evidentemente a Arte tem direito, como todo o esforço humano, a procurar salario e recompensa, mas é preciso que ella se manifeste por necessidade de expansão e não por intuito ganancioso. Assim não podemos, não devemos negar ao *amador* o seu quinhão no desenvolvimento e marcha da Arte, porquanto n'elle residem muitas das virtudes essenciaes que á mesma Arte são necessarias.

Só o que *se ama* é que se pode com realidade sentir e comprehender. Encarando assim a questão todo o artista sente em si proprio a alma d'um amador e se este nem sempre chega a ser um artista, é positivo que um e outro teem sob varios aspectos, a mesma psychologia. São os epicuristas do sentimento — os que vêem, escutam, percebem com mais harmonia, com mais gozo e com mais enthusiasmo, os que sabem extrahir do drama, do quadro, de tudo o que se passa em torno d'elles o *maximum* da impressão e do poder intensivo.

Sob o ponto de vista da *interpretação* tem o amador larguissimas glorias e muito particularmente no nosso paiz onde é prodigiosa a quantidade de amadores que se salientam muito vantajosamente como executores.

Não condemnemos portanto o amador e fazendo justiça a todos, consoante os seus meritos e consoante o seu esforço, quer sejam profissionaes quer o não sejam, lembremos sempre que a *arte não é um officio*.

S.



Das operas cantadas em S. Carlos durante os ultimos quinze dias foi o *Lohengrin*, na noite de 31 de janeiro, a que maior interesse logrou despertar. Havia para isso duas razões principaes: analysar como a sr.^a Palermi cantava a parte e interpretava o papel da mystica Elsa, tendo-se mostrado na noite anterior uma desenvolta e sensual Thaïs, e ajuizar da veracidade da fama de que vinha precedido o tenor Vignas.

A interpretação do papel de Elsa foi uma surpresa para a grande maioria ou mesmo para a quase totalidade dos frequentadores de S. Carlos. O talento e habilidade scenica da sr.^a Palermi já se tinha manifestado no modo como traduziu as oppostas situações da *Thaïs* no segundo quadro do primeiro acto e no quadro final do drama. Isto era sufficiente para dar a medida do seu valor

como actriz e indicava tambem que a interpretação do papel de Elsa não seria prejudicada.

Mas havia mais do que attender á parte dramatica. Os recursos da cantora attingiriam as exigencias da escola wagneriana? E' do que duvidava a quasi totalidade dos *dilettanti*.

Sendo a sr.^a Palermi uma artista com magnificos dotes vocaes, por certo não teve professor que tratasse convenientemente da empostação da sua voz, ou a discipula se apressou a apresentar-se em publico, com o que ficou muito prejudicado o trabalho para obter egualdade na emissão e sonoridade das notas nos differentes registos. A tessitura da parte de Elsa está muito mais apropriada á larynge da sr.^a Palermi do que a da Thaïs, onde Massenet foi prodigo no emprego das notas agudas. A sr.^a Palermi seria uma Elsa inexcedivel se tivesse cultivado a sua bella voz com mais esmero.

Na parte do protagonista debutou o sr. Francesco Vignas, que fez do *Lohengrin* a sua especialidade.

O sr. Vignas, como o seu nome indica, é hespanhol. E' catalão, de Barcelona. Foi discipulo do maestro D. Juan Goula, que na época lyrica de 1900 a 1901 esteve em S. Carlos como director d'orchestra e fez incluir no elenco d'esse anno os seus discipulos de então: soprano Grassot e tenor Palet.

O sr. Vignas debutou no *Lohengrin*, no theatro lyrico de Barcelona. Sendo applaudido, passou a cantar o *Lohengrin* no Scala de Milão, com grande successo. Desde então fez d'aquelle drama lyrico a sua especialidade, exhibindo pelos theatros da Europa e da America a sua criação do Cavalleiro do São Graal. Ultimamente, no S. Carlos, de Napoles, cantou tambem nas operas *Lorenza*, *Mephistopheles*, *Germania* e *Aida*.

Na interpretação dramatica dada pelo sr. Vignas ao Cavalleiro do São Graal parecemos haver manifestações em demasia apaixonadas. Quer no modo como abraça a sua amada depois que no primeiro acto lhe diz: *Elsa, io t'amo*; quer durante a primeira parte do grande duetto; quer mesmo na despedida, ha muito de humano. Desapparece por completo o enviado do ceu para defender a honra e a virtude. E o celebre e laureado poeta musico Ricardo Wagner já não fez pouco em transformar o mysterioso campião n'um interesseiro, que só poz o seu magico poder e a sua espada á disposição de Elsa, sob a condição d'ella lhe confiar a sua fé, a sua honra e a sua virtude.

O sr. Vignas fez realmente um estudo especial de toda a parte de *Lohengrin*, que

conhece em todas as suas minudencias e que canta muito bem, com um rigor inexcusável de afinação, sabendo tirar partido de todas as situações.

A despedida ao cysne,—que é um escolho para os tenores, que em geral chegam de Monsalvato com um diapasão differente do de S. Carlos,—o grande duetto e em particular o *raconto*, sempre muito applaudido e bisado, são trechos melódicos a que o sr. Vignas dedicou um serio estudo.

A voz do sr. Vignas, de apoio accentuadamente nasal, o que em parte lhe amacia e suaviza a aspereza e pouca elasticidade do som, é conduzida com arte, principalmente nas melodias que o colorido póde revestir d'um fascinador encanto. E o *raconto*, que a isso se presta maravilhosamente, é um primôr de dicção.

A sr.^a Dèhlander, que debutou na parte de Ortruda, não tem voz com o brilho e a sonoridade precisa para se salientar nos duettos do 2.^o acto.

O sr. Arcangeli é um barytono com bastante voz e deve ser um artista de muita utilidade em algumas operas. Teremos occasião de nos referir a este artista n'outro artigo.

O baixo De Grazia é já nosso conhecido e por isso nos limitamos a dar-lhe as boas vindas.

Nas *Vesperas sicilianas*, 4 de janeiro, e *Rei de Lahore*, 5 de janeiro, debutaram as sopranos sr.^{as} Calligaris e Pucci, assim como o tenor Mariacher, natural de Veneza, discípulo do professor Saverio Ricci, do lyceu Benedetto Marcello.

Qualquer d'estas operas foi ensaiada com muita precipitação e os tons de luxo dados á *mise-en-scène* não suppreem as deficiências e faltas que se notam no conjunto dos principaes interpretes. Por isso tem sido ouvidas com fria indifferença, o que é muito para lamentar.

De todos os artistas que tomaram parte n'essas operas só com elogio temos de nos referir ao barytono Kaschmann, que cantou magistralmente o arioso: *O casta fior*, embora a sua voz já não tenha o brilho e a facilidade de emissão d'outras eras. E' todavia sempre agradável ouvir artistas que sabem o que quer dizer: escola de *bel canto* e que n'ella fizeram os seus estudos.

Em 11 do corrente foi cantado a *Guilherme Tell* em 1.^a recita extraordinaria.

Ha 12 annos que esta velha partitura de Rossini se não cantava e essa ultima audição não deixou de si as melhores recordações.

Agora, como era para prever, tanto pelo pouco tempo de que é possível dispôr para

ensaiar bem qualquer opera, como pela insufficiencia dos recursos vocaes dos cantores, o *Guilherme Tell* teve um desempenho infeliz.

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LXIX

De Lisboa

«Traduzir em sons os mysteriosos movimentos d'alma, combinar esse echo harmonioso com palavras que exprimam determinados pensamentos, e de certa maneira mergulhar esta linguagem fria na fonte viva do sentimento e da emoção sympathica, eis a missão que coube á musica.»

Tinha diante dos olhos este formoso conceito de Hegel, quando outro dia a sorte me concedeu o inestimavel prazer de ouvir, em religioso recolhimento, uma divina pagina de Grieg, conscienciosa e finamente interpretada por um novél artista já illustre, de formoso espirito e de adoravel coração.

Mas, quer saber, benevola amiga, o que me succedeu quando se rompeu a encantação da musica?

Como alguém que pretende fugir á realidade baça e bruta, em seguida a esse supremo extase que meia duzia de aladas notas haviam provocado, achei-me insensivelmente immerso n'um novo sonho, a que apenas faltou, para ser completo, a inconfundivel e deliciosa esthesia do rythmo...

Ora pois imagine que julguei ver—mas com os proprios olhos, ver—esta minha linda Lisboa, luminosa e doce, tornada um grande centro de civilisação e de vida, com parques cheios de verdura, com avenidas bordadas de arvoredo, com as suas ruas limpas de immundicie e a sua gente lavada de ignorancia...

Entretanto no recanto de uma quieta aléa assombreada, ouvia, não discutir as miserias sordidas da politica banal e insulsa, mas em buriladas phrases, tocadas de admiração ou levemente molhadas em ironia, os especiosos motivos «por que Bach tratava os seus themas como um soberano constitucional trata os seus subditos, enquanto Wagner era para os seus como um rei absoluto»...

Mais longe, um delicioso par, enamorado e joven, falava de amor e nem um nem outro achavam ridiculo citar Byron e Musset, Garrett e João de Deus.

Depois, sem bem saber como, achei-me em plena sessão de uma camara, não sei se de vereadores se de deputados, ou pares, mas reparei que haviam acabado de votar um grande premio ao benemerito auctor de uma grande obra de arte popular cheia de inspiração e de ensinamento, e discutiam a forma de evitar que as creanças, todas as creanças, fossem martyrisadas na escola, a pretexto de instrucção, no lar, a pretexto de disciplina, na rua a pretexto de proposito, enquanto, evidentemente um grande senhor, vistas as falas e as maneiras, de longa e veneranda barba, advogava com calor e eloquencia a situação de desgraçadas mulheres sem familia e sem arrimo, que varios dos seus eguaes, cynicamente poluiam e despresavam...

E logo um outro, espadaúdo e novo, nobremente concordou que em geral nós outros homens eramos uns barbaros com verniz de civilisados, e que embora muito já se houvesse feito no sentido do feminismo, muitissimo restava por fazer.

Finalmente, um outro nem tão velho como o primeiro, nem tão exigente como o segundo, pediu licença para ler um relatorio, ou o que quer que era, em que minuciosamente se dava conta do que na cidade se realisára até aquelle momento em que falava; e eu ouvi maravilhado que se haviam votado pensões a velhos, a doentes e a invalidos, concedido premios ao talento, ao trabalho, á bondade, e que iniciado o canto choral em todas as escolas primarias fôra possivel offerecer a uns estrangeiros de passagem na cidade uma formosissima festa, toda de mocidade e de alegria, mas onde, no dizer entusiasmado dos estrangeiros illustres, parece que tinha havido muita belleza, muita elevação e sobretudo notavel originalidade...

E assim conclui eu que aquelle cavalheiro espadaúdo que antes se queixára era talvez um tudo nada exigente, o que de modo algum significava que o grande senhor de longa barba veneranda deixasse em parte de ter rasão.

Por ultimo, atravessando um jardim, notei que sahia d'um monumental palacio, todo em marmores e em columnas, uma multidão que não era nada o deserto de almas de que fala o poeta, mas que ao contrario se me afigurava uma immensa alma, integração d'aquelles milhares d'ellas que a compunham, e esta vibrando toda de commoção e de goso, porque escutára a um tempo a voz d'um grande orador e a obra d'um immortal poeta, enquanto do fundo vinham ainda os derradeiros accordes d'uma sublime pagina musical...

Mas n'isto, querida amiga, a porta encostada á qual eu estivera tendo todo este misturado sonho, abriu-se subitamente, e eu, impellido com violencia para o espaço em frente, despertei e encontrei-me n'esta nossa apesar de tudo estremecida terra, onde aliás a gente, fastienta e estranha, pateia a *Clairière* e boceja na *Thais*, deserta os concertos e atravanca os cavallinhos, perde a paciencia e não sabe salvar o *Parque*, e n'uma palavra, azeda-se e apodrece, sob a immaculada luz do mais ceruleo céu que olhos humanos podem contemplar, e embalada na mais ideal paisagem que paleta de pintores ou phantasia de poetas ainda ousariam sonhar...

Era a realidade, querida amiga, a realidade e o anno novo. Pois mesmo acordados, preparemo-nos para novos sonhos...

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

Causaram funda impressão entre os poucos amadores que a ellas assistiram as tres admiraveis sessões de 5, 6 e 8 do corrente, com o pianista De Greef, violinista Crickboom e violoncellista Elsa Rügger, aos quaes largamente nos referiamos no passado numero.

Arthur De Greef, um consagrado, de phisionomia aberta e sympathica, a que um ligeiro *embonpoint* e um risinho olhar dão a apparencia de uma beatitude nunca dementida, teve talvez a primasia no apreço do publico. Pianista de largos recursos technicos, conhecendo como poucos os tão variados segredos do seu instrumento, especialisa-se na delicadeza e na elegancia com que acaba todos os seus passos, manobrando as sonoridades por uma forma verdadeiramente prodigiosa e dando-nos ao mesmo tempo e constantemente a impressão de uma *aisance* admiravel e rara.

Chopin e Grieg, na linha vagamente sonhadora e indecisa das suas melodias e dos seus rythmos, são os auctores que, a nosso ver, melhor quadram a este temperamento excepcional. E é por isso que o julgamos menos á vontade na nitida *carrure* d'um Scarlatti ou d'um Bach, sem comtudo deixar de admirar-o onde quer que os seus notabilissimos dotes de colorista se produzam e evidenciem.

Tão accentuadamente se nos grava no espirito esta feição do talento do illustre professor belga, que chegou a parecer-nos

inacreditavel que o instrumento em que tocava fosse realmente o mesmo em que ha um mez se apresentou no mesmo theatro D. Amelia a concertista Bailet, cujo valor fomos dos primeiros a constatar mas cujo temperamento artistico se nos affigura diametralmente opposto ao do pianista de que nos vimos occupando.

Do violinista Mathieu Crickboom diremos que superou as previsões, que intimamente tinhamos formulado a seu respeito.

E' um rebequista da melhor escola, de uma sobriedade e d'uma seriedade verdadeiramente raras hoje, em que se pensa principalmente em *epater le bourgeois*, em detrimento quasi sempre das boas tradições artisticas e dos mais puros ideaes.

Mathieu Crickboom não desce nunca do seu posto de honra; mantem-se sempre e obriga o seu auditorio a permanecer constantemente em culminancias, d'onde os effeitos banaes d'interpretação são radicalmente proscriptos por principio e por temperamento.

Claro está que pecca ás vezes pelos defeitos oppostos e quando se trate de obras, como as de Sarasate ou de Wieniawski, em que a virtuosidade e o brilhantismo são quasi tudo, nos parece falho de largueza e de calor; mas resgata nobremente esses senões com a interpretação distinctissima com que traduz as obras de outro genero e muito particularmente a musica d'ensemble em que é exímio.

Quanto á violoncellista Elsa Rügger nada exageravamos quando anteriormente a designamos como uma das mais brilhantes illustrações do violoncello na epoca presente. Tira um lindissimo som do seu *Gaglianus*, phrasea com uma naturalidade encantadora, sem exageros nem *ficelles*, possuindo ao mesmo tempo um mecanismo admiravel que lhe permite abordar triumphalmente as mais asperas difficuldades.

E feita esta rapida apreciação dos tres notabillissimos artistas, cumpre dizer que onde elles conseguiram marcar de uma forma inolvidavel a sua passagem na nossa capital, foi na musica de conjuncto (trios de Mendelssohn, Beethoven e Arensky) cuja execução foi por assim dizer uma lição superior d'arte, em que cada um dos primores contidos n'essas bellas obras foi posto em relêvo com inexcédível acabamento e com uma rara concordancia de sentimento e de comprehensão.

Merece tambem o nosso applauso o pianista D. José Bonnet, pela maneira como fez os acompanhamentos do ultimo concerto, ao que se promptificou no proprio dia e portanto quasi sem preparo previo.



Intercalado entre esses concertos e portanto a 7, teve logar a audição mensal da *Sociedade de Musica de Camara*, a que prestaram o seu concurso os artistas De Greef, Crickboom e Elsa Rügger.

Entre as obras apresentadas figurou em primeira audição o famoso trio de Arensky em ré menor, que foi objecto em 10 de dezembro ultimo do *Premio Glinka*, na importancia de 500 rublos.

Este premio foi instituido por um amator russo, o sr. P. Beliaiew, a titulo de recompensa e incentivo para as melhores obras de compositores do seu paiz, sendo composta de Rimsky-Korsakow, Liadow e Glazounow a commissão encarregada de proceder á escolha dos trabalhos mais meritorios.

Além do trio de Arensky executou-se n'este concerto a *Sonata* de Beethoven, para piano e violino, op. 30, n.º 2 e os seguintes trechos para violoncello: — *Kol Nidrei* de Max Bruch, *Largo* de Bach e *Moment musical* de Schubert.

Os acompanhamentos d'estas ultimas obras estiveram a cargo do pianista-amador Michel Angelo Lambertini.



A 8 effectuou-se em *matinée* e no Salão da Trindade um concerto vocal e instrumental a favor do cofre das officinas de S. José.

Abrihantavam o programma as senhoras D. Luiza Campos com a *Legende e Souvenir de Moscou* de Wieniawski e a *Polonaise* de Vieuxtemps: sua irmã D. Esther com varias obras pianisticas de St. Heller, Saint-Saëns, Chopin, Mathias, Rameau e Zarzick: a professora de canto D. Carlota Tatti com a aria do *Cid* de Massenet e romanças da *Lakmé* e do *Philemon et Baucis* e finalmente a notavel discipula de Mad.^{me} Sanguinetti, D. Alda Pires, com o arioso do *Propheta* e uma *Romança* de Brahms, cuja repetição lhe foi pedida.

Acompanh u os trechos de canto a eximia professora sr.^a D. Luiza Burnay.

A banda dos alumnos das officinas de S. José executou na sala de entrada diversas peças de musica e os mesmos alumnos cantaram em côro no intervallo do concerto uma *Tota Pulchra* de Dagnino e um côro do *Moyse* de Perosi.

Tambem figurava no programma um duetto de cornetim e bombardino pelos alumnos Almeida e Carrão.

Nada podemos dizer sobre a execução d'essas obras, pois não fomos convidados para a audição.



Sob a direcção do maestro Vincenzo Lombardi e em homenagem aos duques de Connaught, realisou-se em 8 um concerto exclusivamente vocal no Real Paço d'Ajuda.

Tomaram parte n'esta festa as artistas do theatro lyrico, senhoras Pucci, Leonardi, Dahlander e Palermi e os senhores Kaschmann, Viñas e Bouvet.



Com o mesmo intuito deu a Legação Inglesa uma outra festa, que teve logar a 11 nos sumptuosos salões da embaixada.

Collaboraram no concerto os professores Benetó, Rey Colaço, Julio Silva e Rebel, Fernandes, bem como as cantoras Aida Aloro e Eleonora de Cisneros.

Todos os artistas foram muito apreciados pela assistencia, a que presidiam SS. Magestades e SS. Altezas os duques de Connaught.

Francisco Benetó, o unico dos concertistas com quem pudemos fallar, disse-nos achar-se encantado com a benevolencia e com o applauso de tão augustas personagens.



Na data de hoje effectua-se na residencia do illustre professor Rey Colaço uma interessante *matinée* infantil.

Abrilhamtam o programma da *matinée*, entre outros distinctos artistas e amadores os senhores Rey Colaço, Reynaldo Varella, Jorge Colaço, etc.



1904

EPHEMERIDES

de um amador de cornetim

2.º Semestre

Julho, 3 — A Banda de Infantaria n.º 16, executa na Avenida, sob a direcção do seu mestre Bernardino da Costa Vaz, a polka obrigada a cornetim *A Esperança*, original do professor Joaquim Fernandes Fao.

Foi solista o professor João Dias, musico de 1.ª classe da mesma Banda, sendo ao terminar muito ovacionado pela assistencia.

Julho, 6 — O jornal «Açoriano» n.º 328 que se publica no Fayal, insere um artigo sobre a *matinée* realisada em 15 de maio em beneficio da familia do fallecido professor de cornetim José Rodrigues d'Oliveira.

Julho, 7 — O jornal «Açoriano» n.º 329 insere um artigo sobre a *matinée* de 15 de maio (conclusão).

Julho, 7, 1816 — Nasce o amador de corneta de chaves, Antonio Manoel Borges da Silva.

Julho, 8 — O jornal «Saint Louis Daily Republic», que se publica nos Estados Unidos da America, citando a exposição de S. Luiz, refere-se a um cornetim de ouro adornado com esmeraldas e outras pedras preciosas, exposto na referida exposição e construido pelo celebre fabricante C. G. Conn, de Elkant, Indiana.

Está avaliado em 2.500 dollars, cerca de 2:800.000 réis. Presume-se ser o mais valioso cornetim existente no mundo.

Julho, 14 — Foi assignado por Sua Magestade El-rei o Senhor D. Carlos I, o decreto promovendo a mestre de musica o contra-mestre João Lopes, da Banda da Guarda Municipal de Lisboa, primeiro cornetim da mesma Banda.

Julho, 15 — A «Arte Musical» n.º 135, correspondente a esta data, publicou as *Ephemerides* de um amador de cornetim, relativas ao 1.º semestre do corrente anno, escriptas por Alfredo Borges da Silva.

Julho, 16 — A «Ordem do Exercito» n.º 18 da 2.ª serie, promove a mestre de musica da Banda de Infantaria n.º 25, com a gradação de alferes o contra-mestre João Lopes.

Julho, 16, 1862 — O professor Frederico Jayme de Carvalho e Mello, executou no concerto dado pelo Marquez da Ribeira Grande, no seu palacio da Junqueira, a phantasia de cornetim sobre os motivos da opera comica, *L'Enfant Prodigue*, de Forestier e Fessy.

Julho, 19 — O «Dia» n.º 1329 publica na sua 1.ª pagina um artigo sobre a collecção de instrumentos musicos do maestro Alfredo Keil, alludindo aos clarins antigos de 1750 e a uma trombeta marinha que se tocava nos antigos conventos de freiras.

Julho, 24 — Executa se no passeio Visconde da Luz, em Cascaes, pela Banda da Associação Humanitaria e Recreio Cascaense (Bombeiros Voluntarios), sob a direcção do seu regente Joaquim José de Jesus Bastos, a polka obrigada a cornetim *Sophia*, original do compositor José Esteves Serra.

O solista foi o amador Antonio Luiz Affonso Villar, com 17 annos d'idade, discipulo da mesma associação.

Julho, 29, 1884 — O ministerio da guerra francez substitue o regulamento de 12 de junho de 1875 sobre o exercicio e manobras da infantaria com relação aos toques de tambor e cornetas.

- A Livraria Militar Henri Charles-Lavauzelle fez publicar um pequeno volume com o titulo de *Batteries et Sonneries*, que encerra os diversos toques em uso na infantaria.
- Agosto, 2 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal de Lisboa, a polka *La Bavarde*, para cornetim.
- Agosto, 8, 1864 — O marechal de França, ministro secretario do estado da guerra, submetteu a exame de uma commissão especial presidida pelo general de divisão Mellinet, e composta dos maestros Berlioz, Ambroise Thomas, Clapisson e Kastner, membros do Instituto, um methodo de cornetim e saxhorn composto por Arban, professor do Conservatorio Imperial de musica.
- Agosto, 14 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal, a polka obrigada a cornetim *La Bavarde*.
- Agosto, 15 — A Philharmonica Vinte e um de Junho executou em Bucellas, por occasião da kermesse na praça Thomaz José Machado, a polka *Flor Linda*, obrigada a cornetim. Foi solista o mestre da Banda José Esteves Serra, o qual executou tambem as variações de cornetim, de E. Cyriaco sobre o Fado, Thema de Augusto Machado, as quaes tiveram as honras de repetição.
- Agosto, 16 — O «Seculo» annuncia precisar-se em Extremoz de um musico para tocar cornetim na Banda.
- Agosto, 18, 1881 — Realisou-se no antigo Passeio Publico um grande concerto promovido pelo professor José Rodrigues d'Oliveira, no qual tomaram parte as Bandas de Caçadores 2 e 5. Infantaria, 2, 5, 7 e 16, Guarda Municipal, fanfarras de Artilheria, Cavallaria e Lanceiros da Rainha, tocando reunidas em numero de 300 executantes sob a direcção do maestro Escasena, a marcha da opera *Propheta*.
- A's senhoras foi offerecida uma transcripção da polka *Flor Linda*, para piano.
- A polka *For Linda* foi executada por 6 cornetins com acompanhamento das Bandas da Guarda municipal e Infantaria 7. José Rodrigues executou no cornetim uma phantasia original seu *Recordações de viagem*.
- Agosto, 18 — Determinou-se que recolhesse ao corpo a que pertence, o contra-mestre de musica de Infantaria n.º 27, Canhão, que estava addido a Infantaria n.º 1, como primeiro cornetim da Banda.
- Agosto, 18 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal a polka *Caprice*, obrigada a cornetins, original do compositor Baillon.
- Agosto, 20, 1842 — Assentou praça como voluntario no regimento de Infantaria n.º 10, Frederico Jayme de Carvalho e Mello.
- Agosto, 24 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal a polka *Triplette*, de H. Maquet, obrigada a 2 cornetins e flautim.
- Agosto, 26, 1897 — Morre aos 47 annos de idade o notavel tocador de cornetim João dos Santos Fernandes, *Perico*, primeiro cornetim da Banda da Guarda Municipal de Lisboa.
- Agosto, 28 — Executa-se na Avenida pela Banda de Infantaria n.º 2 a polka obrigada a cornetim *Electric*, de Ad. Sellenick. Foi solista o 1.º cornetim da Banda, José Lopes, antigo contra-mestre da mesma, actualmente approvado para mestre de musica.
- Agosto, 30 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal a polka *La Bavarde* obrigada a cornetim.
- Setembro, 13 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal a *gavotte* da opera *Manon*, de Massenet, transcripta para cornetim.
- Setembro, 15 — A «Arte Musical» n.º 137 publicou uma *Necrologia*, referente ao fallecimento do celebre cornetista inglez Jules Lévy.
- Setembro, 18 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal, a polka *Triplette*, de K. Marquet, obrigada a 2 cornetins e flautim.
- Setembro, 20, 1863 — Foi concedida a baixa de serviço militar a Frederico Jayme de Carvalho e Mello, contando ao todo 27 annos de serviço.
- Setembro, 25 — Executa-se na Avenida pela Banda de Infantaria n.º 2 a polka obrigada a cornetim *A Esperança*, composiçao de Joaquim Fernandes Fão.
- Foi solista o 1.º cornetim da mesma Banda José Lopes, contra-mestre de musica da referida Banda.
- Setembro, 29 — Executa-se nas Caldas da Rainha pela Banda da Guarda Municipal, a *gavotte* da opera *Manon* de Massenet, obrigada a cornetim.
- Setembro, 30, 1901 — A «Arte Musical» n.º 66, publicou a monographia do cornetim escripta por Alfredo Borges da Silva.
- Setembro, 30, 1843 — Nasce na ilha de S. Miguel, José Rodrigues d'Oliveira, um dos nossos primeiros concertistas de cornetim.
- Outubro, 4 — Morre Joaquim dos Santos Castanheira, fabricante de instrumentos de metal, socio da firma Custodio Cardoso Pereira Castanheira & C.ª, do Porto.

- Outubro, 10 — Debuta no Colyseu dos Recreios a solista de cornetim mademoiselle Madeleine le Bihan.
- Outubro, 15, 1901 — A «Arte Musical» n.º 67, publicou a conclusão da monographia do cornetim por Alfredo Borges da Silva.
- Outubro, 17, 1849 — Assentou praça na Guarda Municipal de Lisboa, Frederico Jayme de Carvalho e Mello, como musico de 1.ª classe, onde esteve 20 annos.
- Outubro, 23 — Executa-se na Avenida pela Banda de Infantaria n.º 2 a polka obrigada a cornetim *Electric*, de Ad Sellenick.
- Outubro, 26 — Abre a aula de cornetim no Conservatorio Real de Lisboa, achando-se matriculado um alumno de nome Theophilus Sagner natural de Grandola.
- Outubro, 31 — O «Seculo» annuncia precisar-se de um regente de philarmonica, preferindo-se musico reformado que toque cornetim.
- Outubro — E' concedido aos cornetins do fabricante C. G. Conn, de Elkhart, Indiana, (Estados Unidos da America) a recompensa *The grand prize*, na exposição de S. Luiz (America).
- Novembro, 1 — No programma que a Banda de Infantaria n.º 2 devia executar na Avenida da Liberdade, figurava a polka para cornetim *A Esperança*, do professor Joaquim Fernandes Fão.
- Novembro, 9 — Chega de Elkhart, Indiana, (Estados Unidos da America), o primeiro cornetim do celebre fabricante C. G. Conn, adquirido pelo professor Joaquim Antonio Martins Junior.
- Novembro, 9 — Estreia-se no theatro Avenida, na operetta de Hervé, *Fausto o peitiç*, a actriz Etelvina Serra, filha do professor de cornetim José Esteves Serra.
- Novembro, 9 — No theatro da Trindade com a representação da zarzuella *Os frades mostenses*, estreiou o cornetim Conn-queror, o professor Martins Junior, solista do mesmo theatro.
- Novembro, 10 — O «Seculo» annuncia o offerecimento para regente de philarmonica de um musico de 1.ª classe reformado, solista de cornetim.
- Novembro, 12 — Foi mandado abrir concurso para prehenchimento de vagas, que de futuro se derem nos corpos de Infantaria e Caçadores, de musicos de 1.ª e 3.ª classes, em cornetins.
- Novembro, 14 — Esteve em exposição na montra do armazem de Sasseti & C.ª, o cornetim Conn-queror adquirido pelo professor Joaquim Antonio Martins Junior.
- Novembro, 15 e 16 — Esteve em exposição na montra do estabelecimento de Neuparth & Carneiro, na rua Nova do Almada, o cornetim Conn-queror adquirido pelo professor Martins Junior, solista da Banda da Guarda Municipal.
- Novembro, 15 e 16 — Os jornaes «Diario de Noticias», «Seculo» e «Diario» publicam elogios enaltecendo o cornetim Conn-queror, adquirido pelo professor Martins Junior.
- Novembro, 16 — Na caçada real realisada em Windsor foram feitas as batidas pelos guardas ao toque de trombetas.
- Novembro, 17, 1796 — Bonaparte tendo de repellir os austriacos sobre as margens do rio Adige, perto d'Arcole, empregou para conseguir o seu fim o seguinte estratagemas:
- «Um pantano coberto de cannas cobria a ala esquerda do inimigo; ordenou ao chefe de batalhão Hercule, de levar em sua companhia 25 dos seus guias afim de atravessar o canavial e de carregar de improviso *com um grande ruido de clarins*. Estes 25 bravos preparam-se para executar a ordem, Bonaparte deu então o signal a Massena e Augereau. Estes atacam vigorosamente a linha austriaca, que resiste, mas de repente ouve-se *um grande ruido de clarins*; os austriacos julgando serem atacados por toda a divisão de cavallaria abandonam o terreno.
- Comettant, pag. 430.»*
- Novembro, 19 — A Banda da Guarda Municipal executa na parada do quartel do Carmo, a polka *La Bavarde*, de Sellenick.
- Novembro, 22 — A junta hospitalar de inspecção, concede 60 dias de licença ao mestre de musica de Infantaria n.º 25, João Lopes, ex-primeiro cornetim da Banda da Guarda Municipal de Lisboa.
- Novembro, 23 — O «Norte» jornal que se publica no Porto, insere uma pequena noticia sob a epigraphe *Um cornetim modelo* com referencia ao cornetim Conn-queror adquirido pelo professor Martins Junior.
- Novembro, 25 — Morreu Joaquim Augusto da Silva, 1.º cornetim da Banda da Guarda Municipal do Porto.
- Novembro, 30 — A «Arte Musical» n.º 142, refere-se ao cornetim Conn-queror.
- Dezembro, 2 — O «Seculo» annuncia o offerecimento de um professor de musica para philarmonica, o qual executa qualquer instrumento e em particular cornetim.
- Dezembro, 4 — Morre em Lisboa, Manoel José d'Oliveira, excellente tocador de cor-

netim e requinta, o qual fez parte da orchestra do theatro da Trindade, como 2.º cornetim.

Dezembro, 5 — Pediu 100 dias de licença, sem perda de vencimento o contra-mestre de musica da 7.ª companhia de reformados Joaquim Antonio Martins, que foi 1.º cornetim da Banda de Infanteria n.º 5 e 1.º fliscorne da Banda da Guarda Municipal.

Dezembro, 14 — No concerto realizado em Aveiro pela Banda da Guarda Municipal de Lisboa, executou-se a polka *La Barvarde*, obrigadas a cornetins.

Dezembro, 17 — A mesma banda repete a mesma peça na parada do quartel do Carmo.

Dezembro, 17, 18, 20 e 23, 1901 — A «Tarde» publicou nos folhetins dos seus n.ºs 4198 a 4203 uma monographia do cornetim.

Dezembro, 22, 1828 — Nasce o professor de cornetim Frederico Jayme de Carvalho e Mello.

Dezembro, 22, 1903 — E' concedido o privilegio de invenção ao fabricante C. G. Conn, d'Elkhart, Indiana, com referencia aos bocaes de cornetim destinados a remediar o defeito de labio ou deformação dental.

Dezembro — Para fazer parte da orchestra do theatro de S. Carlos, como 1.º clarim, durante a epocha 1904-1905, chegou o professor Ferrieri Edoardo, natural de Lavezzola, (provincia Ravenna).

Lisboa, 31 de Dezembro de 1904.

ALFREDO BORGES DA SILVA.



DO PAIZ

Em fins de março proximo virá a Lisboa o notavel compositor de musica sacra, o abbade Lorenzo Perosi, com quem a empresa de S. Carlos contractou uma serie de audições das suas oratorias *Moysés* e *Ressureição de Christo*.



Tem sido muito e justamente apreciado em St. Louis o nosso compatriota e distincto barytono D. Francisco de Sousa Coutinho.

Os numerosos programmas que temos á vista e que abrangem um periodo de mais de seis mezes mostram-nos bem o interesse com que o sympathico cantor portuguez é sollicitado para todas as festas musicas da *World Fair*, nas luxuosas installações dos diversos paizes que tem concorrido ao grande certamen internacional.



Vae dedicar-se ao professorado uma illustre pianista e cantora, a sr.ª D. Paulina Stegner Judice, que vivamente recommendamos ás nossas leitoras.

Além d'essas especialidades, M.ª Judice lecciona tambem algumas linguas, em que tem particular proficiencia — italiano, francez, inglez e allemão.



Já partiu para New-York, afim de começar a sua *tournee* da America, o illustre pianista José Vianna da Motta, que effectuará o seu primeiro concerto a 27 do corrente mez na capital dos Estados Unidos.

Vianna da Motta que gosa de grande renome na America teve ha pouco uma proposta do presidente do *Musical College* de Chicago para assumir o logar de Professor director de um dos departamentos de piano, com vantajosissimo tratamento.

Para se ajuizar da alta importancia d'este estabelecimento artistico, basta dizer-se que o *Musical College* tem a frequencia verdadeiramente phenomenal de 3:000 discipulos.

Ignora-se se o nosso grande pianista se disporá a trocar a situação que actualmente disfructa em Berlim, onde as suas lições particulares são singularmente apreciadas, pelas contingencias de uma nova vida em terras americanas.

O que parece certo é que o teremos entre nós, de volta da sua *tournee* de concertos, na proxima primavera.



Consta que á volta de S. M. El-Rei da sua digressão a Villa Viçosa, lhe será offerida pelo maestro Frederico Guimarães a partitura do seu drama lyrico *Amrah*.

Será para desejar que a empresa do nosso theatro lyrico se resolva a pôr este anno em scena o notavel trabalho portuguez, premiando por essa forma o nunca desmentido esforço e talento de um dos nossos mais valiosos compositores de opera.

Já aqui advogámos esta causa e não des-

cançaremos enquanto não virmos que as nossas empresas lyricas tomam a peito, como parece devia ser seu desejo, a divulgação das melhores operas nacionaes.



Diz-se que virá ainda este inverno a Lisboa o maestro Massenet.



São sempre o mais lisongeiros possiveis as noticias recebidas da nossa insigne patricia e grande violoncellista, Guilhermina Suggia, que na Allemanha e Austria tem tão largamente disfrutado as auras do triumpho, nos numerosos concertos ali realizados.

Pode já dizer-se, sem sombra de exagero, que a joven Guilhermina está consagrada na Allemanha como uma das mais notaveis *virtuosas* do nosso tempo.

A cada passo lhe apparecem escripturas que não estavam previstas no primeiro projecto da *tournee*. Podemos já dar nota das seguintes:

Janeiro,	17 —	Dortmünd.
"	18 —	Haag (Hollanda).
"	21 —	Londres.
" 25 e 26 —		Amsterdam.
"	28 —	Bayreuth.
" 29 ou 30 —		Cobourg.
Fevereiro, 2 —		Karlsbad.
"	—	Wien e Budapest.
"	9 —	Lemberg (Polonia).
"	15 —	Warschau (Polonia).

No fim de fevereiro talvez vá a Milão; em março tem varias escripturas para Hamburgo, Francfort, Freiburg, Dresde e Praga.

Oscar Nedbal, o reputado director d'orchestra e violetista do quarteto tchêque, tambem a convidou para um ou mais dos seus concertos.



No proximo numero publicaremos dois artigos da mais palpitante actualidade, firmados pelos nossos illustres collaboradores e amigos José Ferreira Braga e Manoel Ramos.

Occupam-se respectivamente do Canto gregoriano e da nova *scola cantorum* da iniciativa do maestro Alberto Sarti.



No proximo concerto da *Sociedade de Musica de Camara*, que se effectuará em

fevereiro, toma parte a illustre professora D. Adelia Heinz e o talentoso violinista amator o sr. Cecil Mackee. O programma compôr-se-ha de um *Quarteto* de Schumann, *Sonata* de Beethoven e o segundo *Quarteto* de Mendelssohn com piano.



O notavel pianista russo Miecio Horszowski virá dar tres concertos a Lisboa em 10, 12 e 13 do proximo mez de fevereiro.

DO ESTRANGEIRO

Ferruccio Busoni, o pianista universalmente conhecido, deu ha pouco em Berlim uma serie de tres concertos consagrados a Liszt e que tiveram ao que vemos nos jornaes, um exito triumphal.

O primeiro concerto comportava 18 estudos de Liszt, o segundo só peças originaes, sendo o terceiro exclusivamente composto de transcrições, e contando entre ellas as Fantasias sobre *D. João*, *Roberto il Diavolo*, *Somnambula*, *Rigoletto* e *Lucrecia Borgia*.

E a proposito nos lembra que quando ha annos o nosso pianista Vianna da Motta fez incluir nos seus programmas de Lisboa algumas d'essas obras, não faltou quem reparasse que taes transcrições não pareciam dignas da elevação e seriedade do artista que as apresentava.

Deduz-se portanto que ou a critica de Lisboa se não compenetrrou da importancia artistica das referidas transcrições ou o publico berlinense não tem a menor noção do que seja a Arte.



Vae brevemente á scena em Roma uma nova opera do maestro Collini, com o titulo e assumpto do *Quo vadis?*, famoso romance de Sienkiewicz.



Está imprimindo-se em Leipzig a nova *Chaconne* de Klengel, a que se referia o nosso ultimo numero e que o notavel professor allemão dedicou á nossa compatriota Guilhermina Suggia.



Noticias de Praga informam-nos que a mãe do celebre violinista Jan Kubelik tentára envenenar-se, sem que comtudo se saiba o que motivou tão tragica resolução.

O facto deu-se justamente quando Kubelik

estava em Lisboa, dando a serie de concertos que tanto exito tiveram no theatro de D. Amelia.



O premio Volodkvicz, de 5.000 rublos, instituido em Varsovia para a melhor obra que se apresentasse no concurso instituido para esse fim, coube d'esta vez á opera *Maria*, poema de Malczewski, musica de R. Stankovski.



Em Milão está sendo construido um novo theatro que deverá chamar-se Gustavo Modena, e inaugurar-se-ha muito brevemente.

NECROLOGIA

Fomos dolorosamente surprehendidos pelo repentino fallecimento de Daniel Wagner, victimado em 7 do corrente por uma congestão pulmonar, que o prostrou no proprio estabelecimento de instrumentos musicos de que era um dos proprietarios e que zelosamente dirigia com seu irmão Hermann.

Magoou-nos profundamente esta perda, pois Daniel Wagner sobre ser um caracter da mais fina tempera, era um bom artista na sua especialidade e estimadissimo por todos os que com elle privavam ou por qualquer forma se lhe approximavam.

Era um eximio afinador de pianos e reparador apaixonado de instrumentos antigos tendê-se notabilisado no concerto de dois cravos, que são propriedade dos illustres amadores Keil e O'Neill.

Depois do fallecimento de seu pae, o venerando professor Ernesto Victor Wagner, que como se sabe era um considerado *luthier*, consagrou-se Daniel Wagner á restauração dos instrumentos d'arco.

Como instrumentista dedicou-se á trompa, como seu pae e seu irmão Eduardo,

tambem fallecido. N'essa qualidade tomou parte em tempos na orchestra da Real Academia de Amadores e collaborou com seu pae, seu irmão, e o professor Del Negro, em interessantes quartetos de trompas que foram algumas vezes publicamente executados em 1879.

Tinha Daniel Wagner uma grande predilecção pelas aves, principalmente rouxinões, de que ainda se conservam no armazem da Trindade tres formosos exemplares, cantando admiravelmente.

Não foi inferior a sua paixão pelas borboletas, de que possuia uma preciosa collecção, tendo descoberto algumas especies desconhecidas entre nós e preparando-as com uma habilidade e perfeição verdadeiramente raras.

Eis o que era Daniel Wagner: um modesto e incansavel trabalhador e um caracter honesto e bom.

A seu irmão Leopoldo, conceituado industrial da nossa praça, a seu outro irmão Hermann que lhe estava associado no estabelecimento da Trindade e a seu primo Johann, considerado commerciante d'outra especialidade, todos nossos bons amigos, enviamos a expressão da mais sentida condolencia.

*

* *

Falleceu no Porto um esclarecido amator, o sr. dr. Agostinho de Faria, que era muito estimado na capital do norte, onde exercia a clinica medica com a maior distincção.



Bibliographia

Entre outras revistas, cuja entrega nos é feita tão pontual como gentilmente, recebemos o primeiro numero de uma publicação periodica de Alberto Bessa, com o titulo de *A nossa patria*.

Basta o nome do dirigente para se ajuizar do alto valor litterario e artistico da nova publicação, que é ornada de numerosas gravuras e de varios artigos da mais interessante leitura.

Agradecemos a offerta.